

A vida em “modo

Os jovens portugueses estudam, tiram pós-graduações que lhes garantem um emprego, compram casa, viajam, têm filhos, envelhecem. Certo? Errado. Os jovens portugueses não arranjam trabalho, o salário, quando há, é incerto, vivem por isso com os pais muito para lá dos 30; adiam a paternidade e, se pudessem, já agora a doença, porque um falso recibo verde não dá direito a baixa médica.

Texto **Natália Faria** Fotografia **Paulo Pimenta**



pânico”

Ricardo Carvalho, 36 anos, faz contas de somar e subtrair para não pensar no que vai ser o seu futuro

Ricardo Carvalho, 36 anos, está a um passo de se juntar aos 70 mil portugueses que, só em Janeiro, se inscreveram nos centros de emprego. (Ainda) trabalha na ex-empresa de sucesso Qimonda, em Vila do Conde (sim, aquela que o primeiro-ministro, José Sócrates, não se cansou de apontar como exemplo do Portugal tecnológico), e enquanto a ordem para encerrar não se confirma, este técnico de manutenção industrial entretém-se a fazer contas de somar e de subtrair: prestação da casa, 480 euros, infantário da filha, 110 euros, 37 euros para o *ballet*, mais a mensalidade do carro, tudo isto a subtrair de um salário mensal que não chega a mil euros.

Os meses em que Ricardo e a mulher conseguem “desviar” 100 ou 150 euros para as suas poupanças são meses bons. “A minha mulher tem de gerir um salão de cabeleireiro em tempo de crise, onde trabalham seis funcionárias. Ainda não chegamos ao fim do mês com a corda na garganta, mas não chega para os vícios nem para comprar uns sapatos quando apetece.”

Mesmo que chegasse. Com a espada do desemprego apontada directamente à sua garganta desde que, no final do ano passado, a Qimonda declarou insolvência, Ricardo começou a viver em “modo pânico”. Significa isto que se pôs a fazer as tais contas diárias. “Cortei a cem por cento nas viagens. Gostávamos de ir, de vez em quando, passar um fim-de-semana à serra da Estrela, mas acabou-se.” Os canais cabo de cinema foram desligados. “Contentamo-nos com os filmes que passam na RTP, na SIC e na TVI”, brinca. E depois, num tom mais a sério, regressa à aritmética: “Eram seis euros por mês, o que dá setenta euros por ano, o que dá três meses de condomínio.” A máquina de lavar roupa passou a funcionar só a partir da meia-noite para aproveitar o desconto da tarifa bi-horária da EDP. “A roupa continua a aparecer lavada e com isto estou a poupar onze euros por mês.”

Quando lhe perguntam como é viver com os dias reduzidos a contas de somar e de subtrair, Ricardo diz que é uma forma de se distrair do enorme ponto de interrogação em que se transformou o seu futuro. “Não sei como vai ser a minha vida daqui a um mês e esta gestão ocupa-me mentalmente. Impede-me de estar sempre a pensar no pior”, desabafa.

O pior será a Qimonda fechar e atirar Ricardo (e mais os cerca de 1800 funcionários) para a fila dos desempregados. Que em Portugal, e segundo as contas do Instituto de Emprego e formação Profissional eram 469,3 mil no final do mês passado. Dá um aumento de 4,8 por cento →

7,8% de desemprego

Somos mais precários

Portugal 7,8% foi a taxa de desemprego registada pelo INE no 4.º trimestre de 2008

União Europeia 7,6% foi a taxa de desemprego registada na União Europeia a 27, em Janeiro de 2009

Evolução Em 2000, a taxa de desemprego em Portugal não passava dos 3,9%. Cinco anos depois, tinha subido para os 7,6%. No mesmo período de tempo, a proporção do desemprego de longa duração subiu de 43,8% para 49,9%, segundo dados do INE.

Os últimos dados do desemprego, revelados esta semana pelo IEFP e relativos a Fevereiro, davam conta de 469.299 desempregados, num total de 544.586 pedidos de emprego. Este número representa um acréscimo de 17,7% relativamente a Fevereiro de 2008 e de 4,8% relativamente a Janeiro passado.

Mas...

Os números podem já estar desactualizados, já que nos últimos meses o desemprego tem registado acréscimos mensais da ordem das dezenas de milhares. E as contas que o Eurostat divulgou em 27 de Fevereiro calculavam que, em Janeiro, o desemprego em Portugal já teria subido aos 8,1%. Por outro lado, a taxa de desemprego entre os diplomados com o ensino superior era, em 2008, de 27,3% entre os menores de 25 anos. A CGTP diz ainda que 57% dos jovens desempregados não têm acesso a qualquer subsídio de desemprego e que a precariedade é actualmente a maior causa do desemprego, representando 38% do total de novos registos no IEFP. ● N.F.

trabalho

em relação ao mês anterior e um aumento ainda maior de 17,7 por cento em comparação com o período homólogo de 2008. Recentemente, um boletim do INE apontava a existência de mais 30 mil portugueses a caminho de cair na rede do Rendimento Social de Inserção (RSI).

A alternativa a isso, se tiver sorte, é integrar o grupo dos falsos recibos verdes, ou dos que assinam contrato atrás de contrato atrás de contrato. Em suma, o grupo dos “precários, descartáveis e fáceis de despedir”, como recentemente lhes chamou a cineasta Raquel Freire, para quem a geração na casa dos 20 e dos 30 (outrora apelidada de “geração rasca”, lembram-se?) adquiriu capacidades de sobrevivência e de adaptação equiparáveis às das baratas. “Tem de se ter uma enorme resistência para não se cair em depressão e não é à toa que a taxa de depressões no país é cada vez mais elevada”, diz Cristina Andrade, psicóloga e militante do movimento Ferve – Fartos/as d’Estes Recibos Verdes.

Na *mailing list* deste movimento ou grupo de pressão há mais de mil inscritos. Mas estes são apenas os que não têm vocação para o silêncio e perderam o medo de se manifestar. A reivindicar alto e em bom som o direito de comprar ou alugar uma casa, sabendo que vão poder contar com um salário para a poder pagar no mês seguinte. Na realidade, o Ferve diz que há perto de um milhão de falsos recibos verdes em Portugal. Feita a conta de somar com os dependentes das empresas de trabalho temporário, mais as “pessoas empresa”, mais os bolseiros de investigação científica e mais os “intermitentes” do espectáculo, entre outros, os precários são perto de dois milhões. “Estamos a falar de quase 40 por cento da população activa. Estas pessoas gostavam de poder arrendar uma casa, de deixar de viver com os pais, de ter filhos, de divorciar-se... E não o fazem devido à precariedade em que vivem. Apesar de trabalharem, têm a vida congelada”, ilustra Cristina Andrade.

Para esta responsável do Ferve, a convicção de que estar sempre a mudar de emprego “é giro, cool e moderno” foi uma mentira contada a toda uma geração. “Essa ideia de que ter um emprego para a vida é uma coisa de velhos foi propalada por alguém e paulatinamente ratificada por todos nós, até que nos transformámos em dois milhões e começámos a perceber que venderam uma mentira aos olhos de toda a gente...”

Este processo de consciencialização colectiva de que fala Cristina vê-se nos pormenores. “Há dois anos, se fôssemos ao Google fazer uma pesquisa, não aparecia nada.” Agora sim. No dia 12 de Março, fazer uma busca por “falsos recibos verdes” neste motor de pesquisa dava direito a 26.900 entradas. Nada que se compare aos seis milhões de referências para a palavra “desemprego”. Em apenas 0,27 segundos. Já a palavra “precários” registava 687 mil entradas. A primeira a remeter logo para o blogue dos Precários Inflexíveis, outro movimento (ou grupo de pressão) que reúne o descontentamento de milhares de operadores de *call centers*, estagiários, desempregados, imigrantes, intermitentes, estudantes-trabalhadores. Têm um manifesto

ADRIANO MIRANDA



**Se a Qimonda
fechar em
definitivo,
mais de 1800
trabalhadores
portugueses vão
para o desemprego**

onde se lê que vivem de biscates e de trabalhos temporários e que, por isso, não podem ter casa, nem férias, nem engravidar, nem ficar doentes. Os Precários Inflexíveis vão juntar-se aos outros movimentos afins para, no dia 1 de Maio, fazer mais duas marchas dos precários em Lisboa e no Porto. É o já conhecido MayDay, parada que nasceu em Milão, em 2001, e cujo nome repete o termo utilizado nas comunicações radiofónicas, quando a vida de alguém está em perigo. Deriva do francês *m'aidez* e significa isso mesmo: ajudem-me.

A que distância estamos de este grito se transformar em conflito? “Não se pode dizer se vai ser agora ou daqui a três ou a seis meses”, responde o sociólogo Elísio Estanque, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, para quem “se esta panela de pressão vai reventar ou não depende das respostas que vierem a ser dadas, seja pelo Governo seja pela própria economia”. Porque se trata de uma geração “mais informada e mais qualificada do que a dos pais”, o natural para este sociólogo seria que estes jovens já tivessem feito valer a reivindicação dos seus direitos com manifestações de rua, à semelhança do que se passou na Grécia. “Ainda não aconteceu por duas razões. Primeiro porque as estruturas sindicais mais politizadas não foram capazes de encontrar caminhos e linguagens que atrásem uma camada da população que já não está sob a influência das bandeiras revolucionárias do pós-25 de Abril. Segundo, porque a heterogeneidade das situações em que vivem estes jovens atrasou o processo de unificação e identificação colectiva capaz de levar a formas de contestação com significado político.”

Manifestações como o MayDay mostram que isto está a mudar. “Esse ressentimento geracional desta camada mais jovem da força de trabalho começa a vir ao de cima e estamos a falar de pessoas na casa dos trinta e muitos que estão há mais de dez anos em situações precárias”, vaticina Elísio Estanque, para quem “se não houver resposta a este engrossar dos níveis de desemprego, estão criadas as condições para uma rebelião de massas”.

Ricardo Carvalho confirma a existência da “crispação larvar” de que fala Elísio Estanque. E fala, também ele, da esperança nos efeitos de uma “revolução dos pobres” capaz de pôr Portugal nos eixos. “Se não fosse pai e casado, já me tinha ido embora”, desabafa, assumindo-se invejoso dos emigrantes que cá chegam e descrevem países como o Luxemburgo, “com bons serviços de saúde e boas escolas, ainda por cima gratuitas”. Mas o futuro, no entender deste trabalhador, não há-de passar pelos políticos. Ele, pela parte que lhe toca, recusa-se a votar para não ser acusado de co-responsabilidade.

“Quando olho para a minha filha, penso como gostava de a poder inscrever numa escola de música. Às vezes, apetece-me tirar comida da minha boca, mas...” E olha para o lado, como se de repente lhe interessasse o movimento de pessoas no centro comercial onde nos encontramos. Não era Luís de Sttau Monteiro que dizia que um homem não chora? ●

